

# radiografia da economia

## Agricultura

### Será que a concentração pode salvar um sector em crise?

O sector agrícola português visto por um optimista é “multifacetado”. Analisado por um negativista, será “esquizofrénico”. Por um lado está cada vez mais velho. Mas, por outro, nunca esteve tão profissionalizado. A concentração já arrancou, mas devagar. Chegará a tempo? **Filipe Paiva Cardoso** filipecardoso@mediainf.pt

O actual cenário da crise alimentar e do petróleo, ao qual se juntam as queixas de todo o sector agrícola sobre a falta de apoios do Estado, faz com que uma das previsões mais recorrentes das associações que compõem o tecido agrícola seja a extinção do sector em Portugal.

Olhando para a evolução do sector nos últimos anos, nota-se sinais contraditórios. O número de explorações tem caído ao ritmo de 3% ao ano. Segundo os números do Instituto Nacional de Estatística (INE) são agora 323,9 mil, contra as 600 mil em 1989. A baixa rentabilidade do sector, a crescente urbanização do território ou o êxodo rural são as razões apontadas pelo INE para justificar a quebra. Porém, esta diminuição também é explicada pelo aumento da dimensão de algumas explorações, movimentação que aponta para uma tendência fundiária que tem aumentado a produtividade agrícola – além da mecanização do sector. Ainda assim, em termos de

superfície agrícola utilizada entre 1989 e 2005 houve uma redução de 8% – 4 milhões de hectares para 3,6 milhões – e apesar do crescimento em área das explorações, os produtores singulares ainda correspondem a 98% do total, tendo sob responsabilidade três quartos da superfície. As sociedades, com 1,7% das explorações, são responsáveis por 19,4% dessa mesma superfície.

Outro factor preocupante prende-se com a idade dos agricultores. Aqueles com menos de 35 anos são apenas 2,2% do total, contra os 7% que representavam em 1990. Já os produtores com mais de 65 anos passaram de 29% para 47% do total. E, talvez por isto, o nível de instrução mantém-se baixo. Em 2005 existia 30% de agricultores sem qualquer grau de instrução – 14% dos quais sem saber ler/escrever – um valor ainda assim 20 pontos abaixo dos registos de 1989.

Ao nível de rendimentos, apenas uma pequena parte dos agricultores

(7,3%) obtém a totalidade do rendimento “do que a terra dá”, tendo sido registada uma quebra de 44% no total de trabalhadores permanentes na agricultura – de 76 mil passaram para 42,7 mil.

#### **A maior empresa é do Estado**

► A Companhia das Lezírias é a maior exploração agro-pequária e florestal em Portugal. Nasceu a 16 de Março de 1836, depois de D. Maria II ter autorizado a venda das propriedades “de que se compõem as ‘Lezírias’ do Tejo e Sado” como forma de - Dejá vu - reduzir o défice de um país à beira do colapso, fruto das invasões francesas e da guerra civil (1828/34) entre liberais e absolutistas.

Com cerca de 6.000 hectares dedicados à produção, entre a Lezíria Norte e a Sul – a maioria dos quais explorados indirectamente por rendeiros, - foi nacionalizada em 1975, tendo passado para Sociedade Anónima de capitais maioritariamente públicos no final da década de 80. Dedicada a um pouco de tudo. Olival, cortiça, caça turística, vinha, carne de bovino, milho, pecuária ou agro-turismo são tudo sectores de negócio para as Lezírias. Está localizada entre os rios Tejo e Sorraia, tendo a Rectoria do Cabo - EN10 entre Vila Franca e Porto Alto - como fronteira entre a parte Norte e a Sul. Investe anualmente pouco mais de dois milhões de euros na produção, especialmente em pecuária, empregando perto de 200 pessoas.



**Em 1989 existiam 39,6 mil agricultores com menos de 35 anos. Agora são 6,8 mil. Os produtores com mais de 65 anos chegam hoje a 47,3%, contra 28% há dez anos.**